

O poder do estigma e o poder do amor

Gracia Violeta Ross Quiroga

Sendo filha de um pastor evangélico na Bolívia, revelar meu status de HIV era correr o risco de enfrentar a censura, o sentimento de culpa e a recriminação.

Quando recebi o resultado de soropositiva, em 2000, decidi falar abertamente sobre meu status de HIV e minha experiência como sobrevivente de estupro.

Baseei esta decisão na minha crença de que as comunidades religiosas e as redes que trabalham com o HIV e a AIDS tinham de romper o silêncio em torno da propagação do HIV entre as mulheres.

O que é estigma?

Estigma é uma marca de desgraça relacionada com uma circunstância específica ou um atributo negativo. Estigmatizar (fazer com que alguém sofra estigma) é rotular uma pessoa ou um grupo de pessoas com base em preconceitos, informações errôneas ou na decisão consciente de rejeitar alguém. Quando a idéia de isolar algumas pessoas ou um grupo de pessoas com certas condições se transforma em ação, ela se torna discriminação.

Estigma dentro da igreja

O cristianismo consiste em amor. Jesus foi além das questões de moralidade e pureza para mostrar seu amor às pessoas. Apesar disso, tenho visto pessoas sendo estigmatizadas na igreja. As seguintes pessoas



Richard Hanson / Tearfund

O estigma causa muita vergonha e solidão.

não têm sido tratadas com igualdade, em alguns casos, porque não satisfazem certas expectativas de perfeição moral:

- jovens não casados que estão enfrentando uma gravidez indesejada, bem como suas famílias
- pessoas com deficiências
- mulheres não casadas
- mães solteiras
- usuários de drogas
- pessoas viciadas em bebidas alcoólicas.

Jesus foi questionado por líderes religiosos sobre o motivo por que se misturava com pecadores, mulheres de reputação questionável, arrecadadores de impostos, pessoas doentes, crianças e muitos outros. Ao lidar com as necessidades destas pessoas freqüentemente estigmatizadas, Jesus não apenas restaurou sua saúde e seu bem-estar físico, mas também restaurou sua dignidade. Um belo exemplo é a cura de uma "mulher impura", a quem ele chamou de "filha".

Lembro-me de quando a filha adolescente de um pastor engravidou. O pai não aprovava o sexo fora do casamento e pediu-lhe que fizesse um aborto. Depois de algum tempo, ele não conseguiu mais viver com

o segredo das suas ações e confessou-se à igreja. A reação da igreja foi disciplinar a ela e à sua família, mas isto foi feito sem amor. A filha decidiu mudar-se para outro país, e nunca mais ouvimos falar dela.

Será que toda a dor, a vergonha e a censura que ela sofreu foram realmente necessárias para lhe ensinar uma lição? Do que ela

Leia nesta edição

- 3 Editorial
- 4 Recursos
- 5 Dando uma mão aos ex-presidiários
- 6 Pondo fim ao estigma: um diálogo comunitário
- 7 Estudo bíblico
- 8 Fístula
- 10 Construindo a paz entre grupos religiosos
- 12 Aconselhamento com misericórdia
- 14 Reconciliação – contando uma história diferente
- 15 Cartas
- 16 O que significa ser surdo no Afeganistão

A *Passo a Passo* é uma publicação que procura aproximar pessoas em todo o mundo envolvidas na área de saúde e desenvolvimento. A Tearfund, responsável pela publicação da *Passo a Passo*, espera que esta revista estimule novas idéias e traga entusiasmo a estas pessoas. A revista é uma maneira de encorajar os cristãos de todas as nações em seu trabalho conjunto na busca da integração das nossas comunidades.

A *Passo a Passo* é gratuita para agentes de desenvolvimento de base e líderes de igrejas. É publicada em inglês, francês, português e espanhol. Donativos são bem-vindos.

Os leitores são convidados a contribuir com suas opiniões, artigos, cartas e fotografias.

Editora: Helen Gaw

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

Tel: +44 20 8977 9144

Fax: +44 20 8943 3594

E-mail: footsteps@tearfund.org

Site: <http://tilz.tearfund.org/portugues>

Editora – Línguas estrangeiras: Helen Machin

Administrador: Pedro de Barros

Comitê Editorial: Ann Ashworth, Richard Clarke, Steve Collins, Paul Dean, Mark Greenwood, Martin Jennings, Ted Lankester, Mary Morgan, Nigel Poole, Clinton Robinson, Naomi Sosa

Design: Wingfinger Graphics, Leeds

Tradução: E Frias, A Hopkins, M Machado, W de Mattos Jr, S Melot, J Seddon, G van der Stoel, S Tharp

Assinaturas: Escreva ou envie um e-mail para os endereços acima, fornecendo algumas informações sobre o seu trabalho e dizendo que idioma você prefere.

e-Passo a Passo: Para receber a *Passo a Passo* por e-mail, registre-se no site [tilz](http://tilz.tearfund.org). Vá para a página da *Passo a Passo* e clique em "Assine a Passo a Passo eletrônica".

Mudança de endereço: Ao informar uma mudança de endereço, favor fornecer o número de referência mencionado na etiqueta.

Direitos autorais © Tearfund 2012. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução do texto da *Passo a Passo* para fins de treinamento, desde que os materiais sejam distribuídos gratuitamente e que a Tearfund Reino Unido seja mencionada como sua fonte. Para qualquer outra utilização, por favor, entre em contato com footsteps@tearfund.org para obter permissão por escrito.

As opiniões e os pontos de vista expressos nas cartas e artigos não refletem necessariamente o ponto de vista da Editora ou da Tearfund. As informações técnicas fornecidas na *Passo a Passo* são verificadas minuciosamente, mas não podemos aceitar responsabilidade no caso de ocorrerem problemas.

A **Tearfund** é uma agência cristã de desenvolvimento e assistência em situações de desastre, que está formando uma rede mundial de igrejas locais para ajudar a erradicar a pobreza.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido.
Tel: +44 20 8977 9144

Publicado pela Tearfund, uma companhia limitada, registrada na Inglaterra sob o nº 994339

Instituição Beneficente nº 265464

(Inglaterra e País de Gales)

Instituição Beneficente nº SC037624 (Escócia)

mais precisava: de uma lição ou de amor? Às vezes, esquecemos que Jesus reservou suas palavras mais duras para as pessoas que prestavam mais atenção à aparência externa da religião do que ao amor ao próximo. Queremos que a igreja da nossa comunidade seja associada ao amor ou à recriminação?

Recentemente, outra mulher confessou ter mantido relações sexuais antes do casamento, mas ela se arrependeu e decidiu se casar com o namorado. O pastor recusou-se a casá-la com um vestido branco. Perguntei ao pastor, "Se ela se arrependeu, e se acreditamos que Deus a perdoou totalmente, por que é necessário lembrá-la do seu pecado com um vestido bege?" Felizmente, no final, ela teve permissão para se casar usando um vestido branco.

Na minha vida diária e no meu trabalho de defesa e promoção de direitos em torno do HIV, tenho de enfrentar o meu próprio estigma em relação a alguns grupos de pessoas, tais como alguns homens evidentemente homossexuais, pessoas transgêneras e trabalhadores sexuais. Enfrento um desafio interno constante para me lembrar do amor e da graça de Deus.

A graça é um atributo de Deus. Por causa da sua graça, ele não nos dá o que merecemos, mas, sim, o que não merecemos: amor, interesse e perdão.

Como cristã, procuro lembrar-me de que, porque Deus me amou o suficiente para se interessar por mim quando eu não o merecia, não tenho direito algum de estigmatizar os outros.

Estigma fora das comunidades religiosas

O estigma não ocorre apenas dentro das comunidades religiosas. Muitos aspectos da identidade e das circunstâncias de uma pessoa podem ser estigmatizados: identidade étnica, sexualidade, gênero, estado civil, estado de saúde, idade e tamanho, aparência, situação econômica, nível de instrução e raça.

O estigma está presente em todas as sociedades e culturas. Alguns motivos pelos quais estigmatizamos os outros são:

- falta de informações
- informações errôneas
- nossos valores e crenças
- para termos um senso de segurança e satisfação por saber que há alguém menos feliz do que nós.

O estigma torna "o outro" (a pessoa ou o grupo de pessoas que é diferente de nós) o alvo dos nossos medos, insegurança, sentimento de culpa e falta de confiança. O poder do estigma é apenas uma ilusão que cobre nossa insegurança à custa de outras pessoas.

Estigma dentro de você mesmo

A pessoa que estigmatiza acaba tornando-se vítima do estigma. Você não pode esperar manter boas relações com as pessoas se ficar levantando paredes entre si próprio e os outros. Você não pode esperar estigmatizar os outros sem esperar acabar vivendo na solidão.

O estigma dentro de você paralisa seu crescimento com pensamentos como "Não posso", "Não sou bom o suficiente",



Transmitindo uma mensagem anti-estigma no Camboja.

EDITORIAL



Helen Gaw
Editora

No início, estigma significava uma marca de fato no corpo de uma pessoa, porém, a palavra agora é usada para descrever a maneira como marcamos uma pessoa como sendo diferente de nós.

O estigma é um assunto difícil de discutir. Às vezes, somos cegos ao estigma à nossa volta e mesmo ao estigma dentro de nós mesmos. Às vezes, reconhecemos que o estigma existe, mas temos medo de conversar sobre ele, porque as outras pessoas nunca o fazem. Mesmo quando somos capazes de conversar sobre o estigma e agir para preveni-lo, pode ser difícil. Quando falamos abertamente sobre o estigma, expomos crenças profundas que precisam mudar. Muitas pessoas acham isto desconfortável porque ameaça o seu senso de identidade.

O estigma causa discriminação, o que atrasa o desenvolvimento comunitário e mantém as pessoas na pobreza. Ao invés

de comunidades alcançando juntas suas metas - como, por exemplo, disponibilizar a educação para todas as crianças - algumas pessoas podem ser deixadas de fora ou para trás.

Nesta edição, trazemos artigos de diferentes grupos estigmatizados, tais como pessoas com deficiências (pág. 16), pessoas vivendo com HIV (págs. 1-3) e ex-presidiários (pág. 5). Muitas vezes, o estigma relacionado a um problema de saúde específico (como a fístula, págs. 8-9, ou a lepra, págs. 6-7) evita que as pessoas procurem tratamento, o que pode causar sofrimento desnecessário e até mesmo a morte.

É um fato triste que os grupos religiosos sejam frequentemente responsáveis por estigmatizar os outros. As igrejas excluem pessoas e justificam sua atitude citando a Bíblia. Ao invés de ajudarem as pessoas a cicatrizarem a vergonha causada pelo estigma, elas pioraram a situação. Por este motivo, incluímos dois estudos bíblicos na página 7, que transmitem uma mensagem

diferente. O preconceito que leva ao estigma pode ser superado através do desenvolvimento de relações com as pessoas que são diferentes de nós - por exemplo, pessoas que possuem uma fé diferente (págs. 10-11).

Examinamos especificamente maneiras de mudarmos as atitudes. O relato de histórias pessoais é uma forma excelente de fazer isto (veja a pág. 14). Agradecemos a todos que compartilharam suas próprias experiências contribuindo para esta edição da *Passo a Passo*.

A *Passo a Passo 87* será sobre o tópico das doenças não-transmissíveis - doenças que não podem ser contraídas ou propagadas.

Helen

PS: Pretendo tirar uma folga da edição da *Passo a Passo* para cuidar do meu bebê recém-nascido. Fiquem atentos para a nova editora na próxima edição!

"Ninguém me ama", "Não mereço coisa melhor" e mentiras semelhantes.

Tudo o que você precisa é amor

Duas semanas atrás, minha irmã contou-me uma história muito triste. Minha sobrinha de quatro anos tinha uma amiga muito próxima na escola. As duas crianças vinham para casa e brincavam. Quando a mãe da amiga veio buscar a filha, ela viu fotos minhas e pediu à minha sobrinha para deixar de ser amiga da sua filha.

Minha irmã conversou com ela. A mulher disse que a filha não podia visitar minha sobrinha porque poderia ocorrer um acidente enquanto elas brincassem, e, se houvesse algum sangue meu por ali, sua filha correria o risco de contrair o HIV. Ela até perguntou se as minhas duas sobrinhas (de três e quatro anos de idade) haviam feito o teste de HIV, uma vez que tinham contato constante comigo.

Desde que minhas sobrinhas eram muito pequenas, temos lido juntas a história de uma criança vivendo com HIV (Daniel) e sua melhor amiga da escola (Letícia). A principal mensagem desta história, produzida por



Gracia Violeta Ross Quiroga fazendo colares com suas duas sobrinhas.

ONGs brasileiras que trabalham com crianças vivendo com HIV e afetadas pela epidemia do HIV, é que Letícia realmente ama seu amigo soropositivo. Esta é a história de duas crianças que são amigas. Uma delas é soropositiva e a outra não se importa com isso.

Com o método simples de contar histórias, minhas sobrinhas foram informadas sobre os fatos do HIV desde que tinham seis meses de idade. Portanto, minhas sobrinhas sabem que não se infectarão com o HIV simplesmente por estarem na minha casa.

Minha sobrinha de quatro anos disse: "...a mãe dela não deixa que ela seja minha amiga porque acha... Ela acha que eu tenho HIV! Dá para acreditar, tia?"

O mais importante é que minhas sobrinhas aprenderam a amar antes de aprenderem a odiar. Como o amor, e não o ódio, foi sua primeira reação automática ao estigma, elas foram capazes de rejeitar a ignorância e continuar me amando.

As crianças amam naturalmente e misturam-se com a maioria das pessoas à sua volta, mas nós as ensinamos a odiar.

Que atitudes você precisa mudar em si próprio? O que você ensinará às crianças à sua volta?

Gracia Violeta Ross Quiroga
Red Nacional de Personas con VIH en Bolivia (REDBOL)
REDBOL - La Paz
Edif. Guachalla, Mezanine of. 9. Calle Guachalla La Paz
Bolívia

www.redbol.org (site em espanhol)

Gracia trabalha como Embaixadora do HIV para a Tearfund desde 2009.
graciavioleta@gmail.com

Site tilz <http://tilz.tearfund.org/portugues> As publicações internacionais da Tearfund podem ser baixadas gratuitamente no nosso site. Pesquise qualquer tópico para ajudá-lo no seu trabalho.



Construindo a paz nas nossas comunidades

Este livro ROOTS examina ferramentas para a construção da paz e o trabalho de transformação em conflitos. Ele traz estudos de casos de trabalho na área de paz e reconciliação nas comunidades e está disponível em inglês, francês, espanhol e português.



Para encomendar, favor entrar em contato com:

International Publications, Tearfund,
100 Church Road, Teddington, TW11 8QE,
Reino Unido

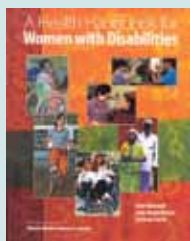
E-mail: roots@tearfund.org

Site: www.tearfund.org/tilz

A Health Handbook for Women with Disabilities

Jane Maxwell, Julia Watts Belser e
Darlena David

As mulheres com deficiências frequentemente descobrem que o estigma social da deficiência e os cuidados inadequados representam obstáculos



maiores para a saúde do que as próprias deficiências. *A Health Handbook for Women with Disabilities* (Um Manual de Saúde para Mulheres com Deficiências) ajuda as mulheres com deficiências a superar estes obstáculos e melhorar sua saúde em geral, aumentar sua auto-estima e sua capacidade para cuidar de si próprias e participar na sua comunidade. Este não é um texto médico nem um manual de reabilitação, mas traz muitos conselhos úteis e sugestões criadas com a ajuda e a experiência de mulheres com deficiências em 42 países.

Disabled Village Children

David Werner

Este manual, escrito especialmente para as pessoas que vivem em comunidades com recursos limitados, explica como criar pequenos centros de reabilitação comunitários e oficinas administrados por pessoas com deficiências ou pelas famílias de crianças com deficiências. Mais de 4.000 desenhos e 200 fotos tornam *Disabled Village Children* (Crianças com Deficiências que vivem em Povoados) compreensível para todos.



Os tópicos da reimpressão de 2009 incluem como construir seis cadeiras de rodas diferentes utilizando recursos locais, técnicas terapêuticas, tais como a fabricação de brinquedos educativos, e materiais de reabilitação e adaptações de baixo custo para o lar e para a comunidade.

A Health Handbook for Women with Disabilities e *Disabled Village Children* custam £20 (libras esterlinas) cada. Ambas as publicações estão disponíveis em inglês e espanhol e podem ser baixadas gratuitamente em www.hesperian.org.

Para encomendar, favor entrar em contato com:

TALC, PO Box 49, St Albans, AL1 5TX, Reino Unido

E-mail: info@talcuk.org

Site: www.talcuk.org

Mobilizando a igreja

<http://tilz.tearfund.org/CP>

O Espaço de Mobilização da Igreja, o qual faz parte do Espaço Internacional de Aprendizagem da Tearfund, aborda diferentes questões que afetam as pessoas que vivem na pobreza, além das formas em que a igreja pode responder. A igreja pode alcançar pessoas estigmatizadas, tais como as que vivem com o HIV/AIDS. Há uma seção especial sobre o envolvimento da igreja com as pessoas que vivem e convivem com o HIV.

Compreender e confrontar o estigma relacionado com o HIV – um manual para passar à acção

O estigma relacionado com o HIV é reconhecido como uma barreira à prevenção, cuidado e tratamento. Este manual surgiu originalmente de um projeto de dois anos acerca do estigma levado a cabo na Zâmbia, Tanzânia e Etiópia. As ferramentas foram desenvolvidas com o envolvimento do pessoal de mais de 50 ONGs destes países. Este manual contém mais de 100 exercícios participatórios que podem ser adaptados para diferentes grupos alvo e contextos. Inclui diferentes conjuntos de imagens que ajudam a identificar o estigma, discutir os direitos das pessoas que vivem com o HIV e ajudar a estimular discussões acerca de género e sexualidade e assuntos relacionados com moralidade ligados ao estigma.

O manual pode ser baixado da seguinte página:

[http://www.aidsalliance.org/
Publicationsdetails.aspx?Id=315](http://www.aidsalliance.org/Publicationsdetails.aspx?Id=315)

Where There is No Psychiatrist: A mental health care manual

Vikram Patel

Este livro é um manual prático de cuidados de saúde mental para profissionais de saúde comunitária, enfermeiros de cuidados primários, assistentes sociais e médicos de cuidados primários, particularmente nos países em desenvolvimento. Ele oferece ao leitor uma compreensão básica da doença mental, descreve mais de 30 problemas clínicos associados a ela e usa uma abordagem de solução de problemas para orientar os leitores na sua avaliação e gestão.

O livro custa £9 (libras esterlinas) e pode ser encomendado através da TALC, usando os dados para contato acima.

Dando uma mão aos ex-presidiários

Em alguns locais, o estigma e a discriminação tornam-se ainda piores devido a práticas oficiais que negam às pessoas seus direitos ou as excluem da sociedade. Aqui, uma organização do Quirguistão que possui um centro de reabilitação para ex-presidiários do sexo masculino conta como os está ajudando a se reintegrarem na sociedade.

É muito difícil para os ex-presidiários do Quirguistão encontrarem emprego. Muitos deles não possuem um local de residência específico. Eles se sentem rejeitados por suas famílias e pela sociedade. Eles têm medo das autoridades responsáveis pela aplicação da lei, e muitos abusam das bebidas alcoólicas e das drogas.

Quando entram na prisão, seu passaporte e outros documentos de identidade lhes são tirados. Esta prática vem da época da União Soviética. Embora o Quirguistão tenha mudado de várias formas desde a independência, esta lei continua a mesma. Ao ser libertado, o presidiário precisa de uma referência para poder receber de volta seu passaporte. Até obter esta referência, ele tem muito pouca chance de refazer sua vida. Ele não tem renda alguma, nenhum endereço registrado e nenhum meio de conseguir um emprego. Ele não pode abrir uma conta bancária ou ir ao médico, pois ele não existe aos olhos da lei e não tem como provar sua identidade. Além disso, é difícil para os ex-presidiários obterem de volta seus documentos.

Recuperação de documentos

Criamos relações com as autoridades locais, a polícia e o Ministério da Justiça para ajudar os homens a reaver seus documentos e tentar um novo início de vida.

Antes de vir ao nosso centro de reabilitação, o presidiário é registrado na delegacia de polícia local. Nossos funcionários, que trabalham com a recuperação de documentos dos ex-presidiários, dão uma referência em nome do ex-presidiário à polícia com a condição de que ele passe por um programa de reabilitação de duração de um ano no centro.

Nosso objetivo é conquistar a confiança e o respeito das autoridades locais porque elas são responsáveis por autenticar os

documentos dos ex-presidiários e fornecer novos documentos, se necessário. Também trabalhamos estreitamente com os residentes locais porque sua reação inicial em relação aos ex-presidiários é de desconfiança e medo de que eles violem a lei a qualquer momento. Isto leva à rejeição e ao estigma.

Conquistando a confiança

Nossa experiência mostrou que isto pode ser superado conquistando-se a confiança das autoridades e dos habitantes locais ao mostrar que os ex-presidiários são capazes de se reintegrarem e contribuir positivamente para a sociedade, como, por exemplo:

- desenvolvendo sua auto-confiança e o trabalho em equipe através de projetos de construção e outras atividades
- ajudando-os a se recuperarem de dependências

- convidando-os a participar de programas de igrejas e eventos comunitários
- ajudando-os a reconstruir as relações com suas famílias
- fornecendo uma casa intermediária para lhes dar a oportunidade de aprender como viver independentemente após terem estado numa instituição (por exemplo, aprender a cozinhar, fazer compras, limpar e tomar decisões sem supervisão)
- ensinando habilidades para a vida, tais como relacionamentos, administração de dinheiro e geração de renda.

Isto ajudou a mudar a atitude de estigmatização da sociedade em relação a estes homens. As pessoas vêem que eles têm o mesmo mérito e o mesmo valor que elas.

No final do programa de reabilitação de um ano no nosso centro, os ex-presidiários podem reaver seus documentos. Como resultado, eles readquirem sua identidade e têm a oportunidade de reconstruir sua vida. Ao tornar isto possível, esperamos confrontar as práticas oficiais antigas de uma maneira positiva para que haja mudança de longo prazo no tratamento dos ex-presidiários.

O Quirguistão é um país da Ásia Central que faz fronteira com a China ao leste. A organização que trabalha no Quirguistão foi fundada por um ex-presidiário, cuja inspiração era ajudar outros como ele.



Homens reunidos numa rua do Quirguistão.

Pondo fim ao estigma: um diálogo comunitário

John Mark Bowers



Elizabeth, uma viúva que vive com lepra (no centro da foto, com um lenço amarelo na cabeça) participando de um encontro comunitário.

Conversar com os outros sobre o estigma pode ser o primeiro passo para superar preconceitos. Aqui sugerimos um esboço de uma discussão em grupo.

OBJETIVOS

- Discutir sobre o estigma e identificá-lo na comunidade local
- Pensar em uma história sobre Jesus como exemplo da cura holística do estigma, da doença e da vergonha
- Realizar uma dramatização de papéis sobre aceitar e ajudar alguém que sofra estigma
- Compartilhar idéias para chegar até as pessoas que sofrem estigma na comunidade

TEMPO

30 minutos

Este roteiro é uma orientação e foi escrito para ser usado com grupos comunitários

cristãos, mas talvez você queira adaptá-lo para grupos com diferentes crenças. Ele pode ser aperfeiçoado com exemplos, histórias e provérbios locais. Como você poderia torná-lo pertinente ao seu grupo?

TAREFA 1 Identificação de estigma

Vamos discutir:

- O que significa estigma?
- Que tipos de situação criam estigma na nossa comunidade?

TAREFA 2 Exemplo de Jesus

Vamos ouvir uma história sobre como Jesus tratou um homem que sofria uma vergonha relacionada com uma doença. Este homem tinha uma doença chamada lepra, que abria feridas em seu corpo inteiro. A lei dizia que as pessoas com lepra tinham de viver fora do acampamento, longe de todos e tinham de gritar "Impuro! Impuro!" quando chegassem perto da cidade. Por ser impuro, este homem não podia trabalhar ou sustentar uma família.

A CURA DE UM LEPROSO (LUCAS 5:12-14)

Quando Jesus se encontrava numa das cidades, apareceu um homem coberto de lepras. Quando viu Jesus, ele se jogou ao chão, com o rosto na terra e rogou-lhe, "Se quiseres, podes purificar-me!". Jesus comoveu-se com misericórdia e fez o que ninguém mais se atreveria a fazer: estendeu a mão e tocou o homem. "Quero", disse ele. "Seja purificado!" E a lepra imediatamente o deixou. Jesus, então, ordenou-lhe: "Não conte isso a ninguém; mas vá mostrar-se ao Sacerdote e ofereça pela sua purificação os sacrifícios que Moisés ordenou, para que sirva de testemunho."

Em grupos de três ou quatro pessoas, discutam: De que maneiras Jesus chegou até este homem?

Pensem sobre as necessidades físicas, sociais, emocionais e espirituais do homem.

Depois de alguns minutos, peça aos participantes que compartilhem com os outros suas respostas. Verifique as respostas de acordo com as quatro categorias abaixo:

FÍSICAS: Quando Jesus curou a lepra do homem, a saúde do seu corpo físico foi restaurada. Ele voltou a ser capaz de trabalhar e ganhar seu próprio sustento.

SOCIAIS: Quando Jesus curou sua doença, seus relacionamentos foram restaurados. Quando Jesus o tocou, ele passou a ser considerado puro e capaz de usufruir sua própria família e a comunidade.

Fatos sobre a lepra

- A lepra desenvolve-se muito lentamente, ao longo de cinco anos aproximadamente. Às vezes, os sintomas levam 20 anos para aparecer.
- A lepra é apenas levemente infecciosa. Ela se propaga através de gotículas do nariz e da boca das pessoas com lepra não-tratada durante contato próximo e freqüente. Ela não é transmitida através do toque.
- A lepra pode ser curada com medicamentos. A deficiência pode ser evitada se o tratamento for iniciado cedo.
- O estigma muitas vezes faz com que as pessoas não procurem tratamento.

EMOCIONAIS: Quando Jesus estendeu a mão e o tocou, sua dignidade foi restaurada. Ele sentiu o amor de Deus e compreendeu que tinha valor aos olhos de Deus.

ESPIRITUAIS: Ele aprendeu que Jesus se interessava por ele e queria que ele fosse capaz de voltar a fazer parte da comunidade de culto. Jesus ordenou-lhe que se mostrasse ao sacerdote para cumprir a lei e como sinal para todos de que ele receberia a todos que haviam sido excluídos e lhes daria uma nova esperança.

TAREFA 3 Dramatização de papéis

O facilitador ou outra pessoa qualquer pode desempenhar o papel de Ruma. Este roteiro é para a pessoa que vai desempenhar o papel dela. Se quiser, ela pode cobrir parte do rosto e falar virada para longe do grupo.

Ruma está retornando à comunidade onde foi criada. Vocês vão desempenhar o papel dos outros habitantes da comunidade dela. Ouçam a história de Ruma e preparem-se para vir até mim (que serei Ruma) e dizer como vão ajudar a mim e aos meus filhos.

A DRAMATIZAÇÃO DO PAPEL DE RUMA

Meu nome é Ruma. Alguns de vocês me conhecem desde a infância. Cerca de um ano atrás, meu marido jogou ácido em mim. Ele disse que eu não era fiel, mas não era verdade. O ácido acertou um lado do meu rosto e queimou minha pele. Eu tenho dor com frequência e perdi a visão num olho. A família dele me expulsou da casa e da comunidade. Eu fugi com meus filhos. Não pude trabalhar por meses. Vendemos várias coisas para sobreviver. Onde quer que eu vá, as pessoas ficam com medo da minha aparência. Meus filhos são importunados por outras crianças. Ninguém compra o que eu vendo no meu negócio.

Peça a cada participante para responder à pergunta: O que você pode fazer para me ajudar (Ruma)? Pense sobre as minhas necessidades físicas, sociais, emocionais e espirituais e as dos meus filhos.

TAREFA 4 Idéias de ação

Pensem sobre pessoas da comunidade que sofreram porque foram deixadas de

fora da vida comunitária normal. É nossa responsabilidade mostrar misericórdia pelos que sofrem. Pensem sobre os que não são considerados “normais” ou “um de nós”.

Discutam: Que medidas podemos tomar para ajudar as pessoas da nossa comunidade que foram maltratadas por causa de estigma?

Depois que todos os participantes tiverem falado, agradeça-lhes por suas idéias.

Pensem em alguém que sofra estigma na sua comunidade. Pensem numa forma de ajudar esta pessoa e transformem esta idéia em ação.

Peça aos participantes que digam à pessoa ao lado algo que pretendem fazer.

Para ajudar a pôr fim ao estigma na nossa comunidade, convido-os a compartilhar o que aprenderam com um amigo ou vizinho.

Pode ser adequado terminar a sessão orando juntos.

John Mark Bowers é o Gerente do Programa de Currículos do Chalmers Center for Economic Development.

www.chalmers.org
info@chalmers.org

ESTUDO BÍBLICO

O que realmente sabemos?

Reverendo Dr. Michael Beasley

Leia Lucas 8:42b-48.

Como seres humanos, muitas vezes, sabemos menos sobre os outros do que imaginamos. Reflita sobre a história da mulher com hemorragia. O que as seguintes pessoas sabem sobre a situação descrita e o que elas não sabem?

- a multidão
- Jesus
- a própria mulher

A multidão não tem a menor idéia do que está acontecendo. Se eles soubessem que uma mulher com hemorragia estava entre eles, teriam saído correndo – para longe de uma pessoa que, de acordo com os seus rituais, eles consideravam impura. Os líderes religiosos ensinavam isto como lei (veja Levítico 15:25-27, 31). Por serem judeus da época de Jesus, eles viam a mulher como uma pessoa rejeitada a ser evitada. Seu sangramento teria sido visto como mostra, em seu próprio corpo, do seu pecado e da sua distância de Deus. “Quem tocou em mim?”, diz Jesus. Mesmo

o conhecimento de Jesus é incompleto. Embora saiba que tenha saído poder dele, ele não sabe a quem este poder beneficiou. A única pessoa que realmente sabe o que está acontecendo é a mulher. Somente ela sabe da sua situação e necessidade e que havia tocado Jesus com fé para se curar.

Jesus não só a cura fisicamente, mas também seu lado emocional, espiritual e social chamando a atenção da multidão para ela e anunciando que ela está curada.

Freqüentemente podemos presumir que compreendemos uma situação, quando, na realidade, temos muito poucas informações sobre ela. Reflita sobre estas perguntas:

- *O que os outros realmente sabem sobre você? Que pressuposições eles fazem?*
- *O que você realmente sabe sobre eles? Que pressuposições você faz?*

Leia Salmos 139.

- *O que este salmo diz que Deus sabe sobre você?*



Warren Allott / Tearfund

Quando refletimos sobre nossa própria vida, nossos pensamentos e sentimentos, nossas esperanças, medos, segredos e defeitos, é impressionante saber que Deus nos ama apesar de tudo o que somos. Contudo, Deus nos ama – tanto que ele se dispôs a nos dar seu único Filho, para que todos que acreditam nele não morram, mas tenham vida eterna. Se Deus se sente assim em relação a você e tudo o que você é, será que ele não sente o mesmo por todas as outras pessoas também?

O Reverendo Dr. Michael Beasley é o Diretor de Missão da Diocese de Oxford. Ele trabalhou amplamente em respostas do setor de educação para o HIV na África, na Ásia e no Caribe.

Fístula

compilado por Helen Gaw

Fístula obstétrica é um orifício no canal do parto que se desenvolve como resultado de um trabalho de parto longo ou obstruído. As mulheres com fístula não conseguem controlar o fluxo de urina e sofrem um vazamento contínuo, que pode causar mau cheiro. Seus bebês geralmente não sobrevivem ao trabalho de parto. Muitas vezes, elas são excluídas da família e da comunidade e desenvolvem outros problemas de saúde.

A Organização Mundial da Saúde estima que dois milhões de mulheres vivam com fístula obstétrica não-tratada somente na Ásia e na África Subsaariana. Na Europa, na América do Norte e na América do Sul, as mulheres tinham maior probabilidade de desenvolver fístula antes da melhora do acesso aos cuidados de saúde.

A história de Fatu

Um livro de figuras contando a história de Fatu é usado pelas mulheres que trabalham com a Health Poverty Action como defensoras e promotoras de direitos em relação à fístula em Serra Leoa. Sem palavras, as figuras mostram como Fatu passou por um longo trabalho de parto antes de procurar assistência médica, o efeito que a fístula teve na sua vida, como ela encontrou a cura e como decidiu ajudar outras mulheres como ela.

Assim como Fatu, as defensoras e promotoras de direitos são mulheres que viviam com fístula e fizeram correção cirúrgica. Uma simples cirurgia para corrigir o orifício pode curar até 90 por cento das mulheres com fístula, porém, em muitos locais, a cirurgia não está disponível. Assim, é ainda mais importante transmitir a mensagem da prevenção. As defensoras e promotoras de direitos usam a história de Fatu para conversar com pessoas nas suas comunidades sobre a fístula, conscientizando-as sobre como ela é causada, como preveni-la e como obter tratamento.

Os livros de figuras são destinados a defensoras e promotoras de direitos que os carregam consigo para transmitir a mensagem como parte da sua vida diária. Elas usam os livros para iniciar debates em mercados, escolas, igrejas, mesquitas, encontros comunitários e até mesmo em transportes públicos. Elas também conversam com mulheres grávidas nos postos de saúde e em clínicas pré-natais para enfatizar a importância de procurar assistência médica no início do trabalho de parto, ao invés de esperar até que haja algum problema.

As mulheres dizem que o relato da história de Fatu resultou:

- num maior conhecimento sobre as verdadeiras causas da fístula
- na dissipação dos mitos em torno da fístula nas suas comunidades
- em mais mulheres decidindo fazer o parto no hospital
- em menos mulheres desenvolvendo fístulas

Crie o seu próprio livro de figuras

- Faça uma lista das coisas mais importantes que você quer transmitir. Esta lista deve incluir como a fístula é causada, onde obter tratamento e como preveni-la.
 - Pense sobre uma história que mostre como uma mulher tem probabilidade de desenvolver uma fístula na sua região e adapte-a de forma a incluir as mensagens importantes.
 - Faça uma lista das ilustrações de que você precisará para contar a história.
 - Procure um bom ilustrador. Antes de concordar em contratar o ilustrador, peça-lhe para fazer algumas amostras de ilustrações para que você possa decidir se gosta ou não do estilo.
 - Pense sobre como reproduzirá as ilustrações quando estiverem terminadas. Você pode:
 - contratar uma empresa de artes gráficas local
 - usar um scanner para criar uma versão digital e uma impressora para fazer tantas cópias quanto necessárias
- Se isto não for possível, considere a possibilidade de pedir ao ilustrador para fazer desenhos em preto e branco que possam ser xerocados ou facilmente copiados à mão.
- Teste a primeira versão do livro com um pequeno grupo de pessoas, mas que seja representativo. Pergunte-lhes como ele pode ser melhorado e peça ao ilustrador para fazer as alterações que o grupo recomendar antes de fazer muitas cópias.

Formas de prevenir a fístula obstétrica

- prorrogar a idade da primeira gravidez da mulher
- eliminar as práticas tradicionais prejudiciais (mutilação ou corte genital feminino)
- obter assistência médica cedo no trabalho de parto

Mitos comuns sobre a fístula

A culpa é dos maus espíritos

Ela está sendo punida

Isto acontece porque a mulher ofendeu os deuses

É maldição

- Você já ouviu alguma destas explicações para a fístula? O que você acha delas?
- É importante lidar com estas crenças como parte dos cuidados para mulheres com fístula?

E as mulheres que não podem ser curadas?

Um pequeno número de mulheres não pode ser curado, mesmo após várias tentativas de cirurgia. O Hospital de Fístulas de Addis Ababa, na Etiópia, dá o exemplo de como cuidar destas mulheres. Desta Mender – que significa “aldeia da alegria” em amárico – é uma comunidade de mulheres que precisam de cuidados de longo prazo. Várias delas dependem de bolsas especiais, fornecidas pelo hospital, que recolhe suas excreções. Elas conseguem viver juntas em paz, sem medo do estigma. Elas podem aprender novas habilidades, e muitas se tornam prestadoras de cuidados e ajudantes dos enfermeiros no hospital. Na verdade, todas as ajudantes de enfermeiros são mulheres com fístula que precisam de cuidados de longo prazo: cerca de 100 delas.

Fístula traumática

A fístula obstétrica desenvolve-se quando a cabeça do bebê pressiona o canal do parto por muito tempo durante o trabalho de parto. Entretanto, um orifício no canal do parto também pode resultar de uma laceração direta causada por violência sexual. Há muitos casos de fístulas traumáticas em regiões destruídas pela guerra, onde o estupro é usado como uma arma ilegítima de guerra.

Uma mulher com uma fístula traumática pode precisar de incentivo especial para procurar ajuda. É provável que ela sofra estigma e vergonha. Ela pode ter muito medo, pois o seu problema de saúde é um lembrete constante do abuso que sofreu.

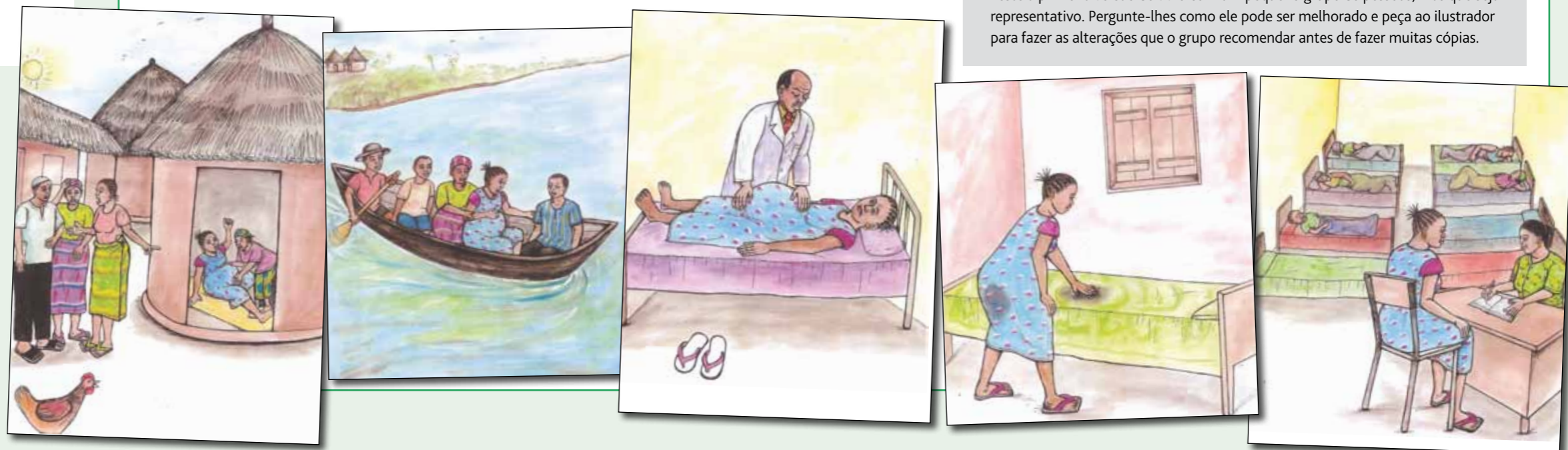
Porém, há esperança, porque, assim como a fístula obstétrica, a fístula traumática também pode ser curada com cirurgia.

Encontrando ajuda

- Você sabe onde fica o hospital mais próximo para o tratamento de fístulas? Algum profissional da saúde local poderia lhe dizer?
- Se o hospital mais próximo for longe, você poderia descobrir se algum funcionário médico com treinamento em fístula poderia vir até um local mais próximo? Você poderia entrar em contato com as autoridades de saúde local para pedir que sejam tomadas medidas?
- O que pode ser feito para ajudar mulheres com fístulas a viajar e encontrar tratamento?

Regina Bash-Taqi, Diretora Nacional, Health Poverty Action, Serra Leoa
rbshtaqi@healthpovertyactionsl.org.uk

Ilustrações: Sahr Ellie – Ministério da Saúde e do Saneamento, Departamento de Promoção da Saúde, Serra Leoa



Construindo a paz entre grupos religiosos

Joe Campbell

O preconceito entre diferentes grupos é o início do que pode se transformar em séria divisão, conflito e, muitas vezes, violência. Ambos os lados se sentem mal compreendidos e isolados um pelo outro. Ambos se sentem mais à vontade entre a “sua própria gente”. Este é um solo fértil para que pessoas com pontos de vista radicais espalhem boatos e criem medo.

Numa cidade no leste do Nepal, um grupo de líderes religiosos locais que representam as cinco diferentes religiões presentes na cidade decidiu que havia chegado a hora de agir. Eles não deixariam mais que as pessoas com pontos de vista radicais definissem o rumo das relações comunitárias. Os ataques e os contra-ataques já tinham ido longe demais.

Os líderes formaram um grupo inter-religioso para a paz. Este não era um grupo para promover o culto inter-religioso ou para fundir as diferentes religiões umas nas outras. Não, este grupo concordou em agir e trabalhar pela paz. Eles decidiram se concentrar nos danos causados à comunidade ao invés de nas pessoas más que estavam fazendo coisas más. Eles queriam construir uma comunidade pacífica, que mostrasse tolerância e respeito por todos aqueles que chamavam a cidade de lar.

Foram necessários vários meses para obter o envolvimento de todos os grupos religiosos

porque as pessoas não conheciam ou confiavam nas pessoas de grupos diferentes. Apesar de viverem na mesma cidade, muitas vezes, estes líderes religiosos nunca haviam se encontrado realmente. Eles e sua gente viviam vidas paralelas, com pouco ou nenhum contato entre si. Dentro da sua cidade, eles estavam se distanciando.

Começando a aprender

Com apoio contínuo e a orientação dos funcionários da United Mission to Nepal, a confiança lentamente começou a aumentar. Os líderes aprenderam que todas as religiões possuíam ensinamentos significativos sobre a paz e o relacionamento com os outros e perceberam que estas verdades nunca haviam sido realmente ensinadas às pessoas. Eles aprenderam sobre as práticas e as festividades religiosas uns dos outros e tiveram oportunidades de fazer perguntas: perguntas com o objetivo de aprender e não



Joe Campbell

Grupo de discussão inter-religiosa, Nepal.

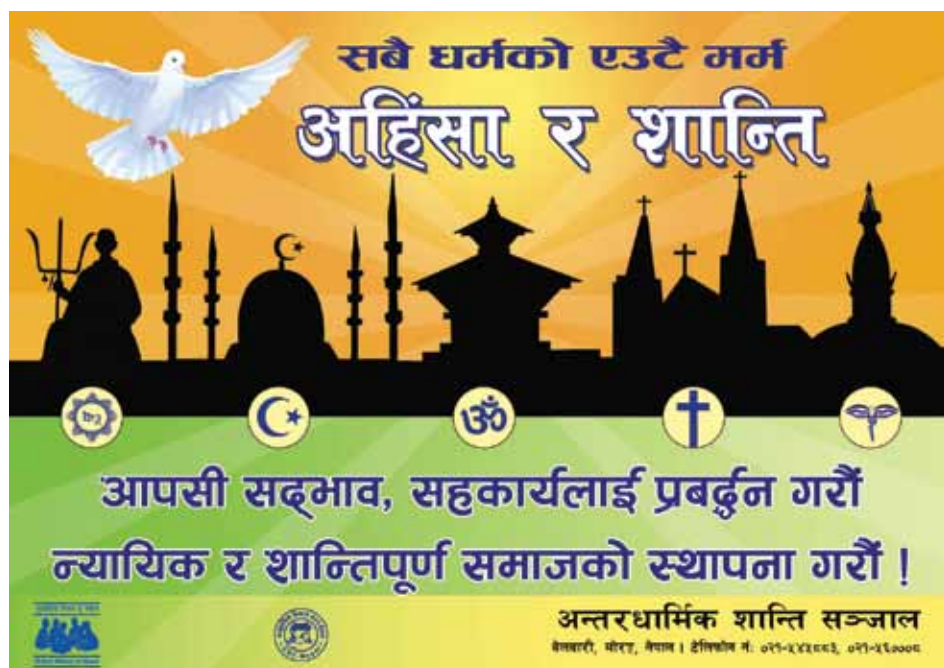
perguntas com o objetivo de prejudicar as outras religiões.

Cada líder, por sua vez, precisava garantir a seus amigos e familiares no seu próprio grupo religioso que eles não estavam “diluindo” ou mudando sua religião. De tempos em tempos, cada um deles era convidado a trazer outras pessoas do seu grupo religioso para expandir a conversa e ampliar a influência do grupo. Eles receberam treinamento em habilidades de mediação e negociação. E o mais importante: foi dado tempo para desenvolver a segurança e a confiança do grupo.

Agindo juntos

Com o tempo, foram estabelecidas relações no grupo inter-religioso, e a confiança e o respeito foram restaurados. Havia chegado o momento certo para iniciar a ação pela paz. Os líderes religiosos trabalharam juntos em projetos organizando assembleias e desfiles para celebrar o dia internacional da paz e a assinatura do acordo de paz do Nepal. Eles produziram cartazes e folhetos inter-religiosos para serem usados em contextos escolares e comunitários. Eles usaram toda e qualquer oportunidade para serem vistos juntos e não tinham vergonha dos seus novos amigos. Por exemplo, cristãos visitaram escolas muçulmanas, e muçulmanos visitaram escolas hindus distribuindo e explicando o cartaz que haviam criado juntos.

Agora, o objetivo deles é manter e promover estas relações e permitir que elas se tornem parte da vida da comunidade. Não é iniciar um bom trabalho, mas dar continuidade a ele que traz bons resultados. Os líderes religiosos esperam que, com o passar do tempo, a violência diminua e as pessoas se sintam mais à vontade vivendo perto



O cartaz criado pelo grupo inter-religioso do Nepal. O título em branco diz “Não-violência e paz”.

umas das outras, compreendendo e, ocasionalmente, até participando das festividades e dos feriados das outras. Está sendo estabelecida uma comunidade em que cada grupo religioso sente o respeito e o reconhecimento dos outros. O objetivo dos líderes é que os medos e a conversa negativa sobre grupos minoritários se tornem algo do passado.

O desafio

A maioria de nós preferiria não se envolver em grupos inter-religiosos. Damos desculpas e, às vezes, agimos e nos comportamos como se acreditássemos em todos os rumores e preconceitos. Contudo, em nosso coração, sabemos que não é assim que Deus quer que o nosso mundo seja. Quando nos comportamos com respeito e amor em relação ao próximo, ao que é de fora, o amor consegue ir além de nós mesmos e levar a cura e a esperança a pessoas presas num ciclo de medo e violência. Jesus realmente disse, “amem os seus inimigos” – e ele próprio o praticava.

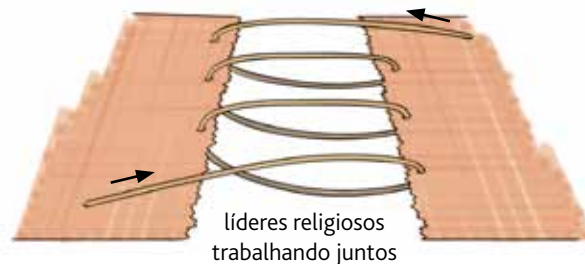
Joe Campbell trabalha ativamente em relações comunitárias e na construção da paz há mais de 25 anos. Ele é da Irlanda do Norte e trabalhou com líderes e comunidades divididas na Irlanda do Norte, na Inglaterra, nos Bálcãs, no Oriente Médio, bem como, mais recentemente, no Nepal, com a United Mission to Nepal.

Remendando a brecha – um diagrama de construção da paz

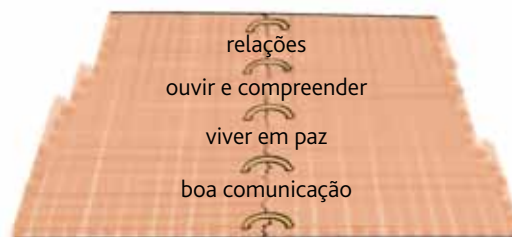
O preconceito, o estigma e o medo dividem uma comunidade. Isto é demonstrado com um pedaço de pano rasgado.



Os líderes religiosos criam conexões de confiança que começam a juntar os lados. Isto é ilustrado dando-se pontos no pano rasgado.



À medida que mais conexões são feitas, as pessoas ficam mais à vontade com as pessoas do outro lado. A comunicação reúne a comunidade que estava dividida. Isto é demonstrado puxando-se o fio dos pontos para remendar o pano.



Para transmitir esta mensagem a outros, encontre um pedaço de pano rasgado e costure os dois pedaços juntos para explicar os diferentes estágios, conforme o diagrama, ou faça um desenho das figuras.

Atividades de construção da paz

- Num povoado ou cidade em que a religião esteja sendo usada como motivo de divisão, crie um pequeno grupo inter-religioso para a paz. Escolha duas pessoas de cada religião que sejam reconhecidas e respeitadas pelo seu grupo. Comece somente depois que todas as religiões estiverem adequadamente representadas. Explique que não se trata de devoção inter-religiosa ou de se chegar a um meio termo entre as principais crenças dos grupos. Trata-se de ação para alcançar a paz e desenvolver a confiança dentro do povoado ou cidade.
- Num encontro inter-religioso, peça a cada grupo para colocar em folhas de papel separadas o que eles sabem e acreditam sobre cada um dos outros grupos. Quando todos tiverem terminado, cada grupo faz uma pequena apresentação ao grande grupo. Isto pode

- ser divertido e engraçado, pois o grupo que estiver sendo descrito pode corrigir os enganos e mal-entendidos dos outros. Todos aprendem com isto. Reserve bastante tempo para este exercício, pois ele não deve ser feito às pressas.
- Organize uma série de visitas de aprendizagem aos diferentes centros de culto, talvez, uma visita a cada duas semanas. O grupo que recebe a visita pode explicar símbolos importantes, festividades, formas de culto e outros detalhes. Os convidados podem fazer perguntas para obter informações e compreender.
- No trabalho ou em projetos de desenvolvimento, dedique tempo e esforço para incluir grupos minoritários diferentes da sua região. Envolve-os desde o início e peça sua opinião e seus conselhos com seriedade.

- Olhe sempre para fora do grupo para ver como vocês podem servir a comunidade local juntos. Trabalhar num projeto pode dar um exemplo para a comunidade inteira.

Você precisará...

- acreditar que as pessoas mudam
- de coragem para abordar e criar relações com pessoas com pontos de vista radicais
- aceitar conselhos e consultar muitas pessoas
- concentrar-se nos danos causados à comunidade, ao invés de nas “pessoas más”
- estar preparado para construir o longo caminho para a paz

Aconselhamento com misericórdia

Gladys K Mwiti e Al Dueck

A doença mental é um problema que deve ser enfrentado diretamente, ao invés de negado, respondendo-se a ele com misericórdia, ao invés de punição. As pessoas com doenças mentais frequentemente são desprezadas e tratadas como “loucas”. A recriminação vê as pessoas com doenças mentais como sem esperança. A misericórdia é o oposto da recriminação. Uma pessoa misericordiosa transmite simpatia, empatia, preocupação, bondade, consideração e interesse.

Este artigo é apresentado em duas partes. Na primeira parte, damos um exemplo de como cuidar de alguém que acredita estar sendo molestado por maus espíritos. Na segunda parte, examinamos como aconselhar pessoas que estão deprimidas. Assim como a doença física, a doença mental pode durar pouco tempo ou uma vida inteira. Os exemplos aqui mostram a possibilidade de recuperação. (O livro *Where There Is No Psychiatrist* dá orientação sobre problemas de saúde mental de longo prazo – veja a pág. 4.) Embora a experiência da Oasis Africa seja principalmente em trabalho nas culturas e sociedades africanas, muitas das orientações deste artigo são relevantes para todas as culturas.

PRIMEIRA PARTE A história de Jamba

Jamba teve contato com o ocultismo e ficou traumatizado com a experiência. Ele, então,

foi encaminhado pelo seu médico à Oasis Africa para fazer aconselhamento.

Jamba sofria de ataques de ansiedade e pesadelos há quase um mês. Embora tivesse apenas 25 anos, Jamba parecia mais velho. Os pais dele haviam morrido quando ele tinha 15 anos, e, nos últimos 10 anos, ele tinha atuado como o chefe da família, cuidando dos sete irmãos e irmãs. Jamba freqüentava uma igreja local de vez em quando.

Jamba era casado, e o stress de cuidar da nova família aumentou sua exaustão. Em seguida, Jamba começou a ter insônia e dores de cabeça que não passavam com remédios.

Finalmente, alguém o aconselhou a procurar ajuda com um curandeiro tradicional. Jamba contou sobre a visita à moradia deste homem, uma experiência que mudou completamente sua vida. A sala da frente do “curandeiro” servia de área de recepção, onde pediram a Jamba que esvaziasse os bolsos e deixasse todos os seus pertences e a maior parte das

suas roupas. Depois, ele foi levado para ver o “médico”. Ele se viu numa sala escura, onde tinha de franzir os olhos para ver alguma coisa. Quando seus olhos se acostumaram com a escuridão, ele viu um homem enrugado, de barba feita, sem camisa, sentado no chão.

O “curandeiro” fez um gesto para que Jamba se sentasse de frente para ele. Jamba lembrou-se das feitiçarias que o homem disse em cima dele, enquanto dançava ao seu redor e cantava numa língua estranha. Num certo momento, o ritmo colocou Jamba num estado hipnótico. Foi quebrado um ovo cru na cabeça dele, e a dança terminou. O homem agora olhava para Jamba na escuridão, com olhos que brilhavam através da luz turva, e disse-lhe, “Eu o enfeitei. Eu sei que você tem um negócio com uma renda regular. No final de toda semana, eu quero que você me traga uma quantia de dinheiro. Se não me trouxer o dinheiro, você morrerá.” Jamba correu a toda velocidade até a delegacia de polícia para dar parte desta experiência assustadora. Ele até se esqueceu da carteira e das roupas.

Este incidente foi o início de pesadelos horríveis e ataques de pânico para Jamba. Ele tinha medo de dormir, porque o curandeiro sempre aparecia nos seus sonhos. Ele tinha dores de cabeça, não sentia vontade de comer ou dormir e temia que, em seu estado, acabasse deixando a família e os irmãos mais novos indefesos. Ele também tinha medo de que, no final, alguém o procurasse por parte do “curandeiro” exigindo dinheiro. Seus amigos e colegas disseram-lhe que ele devia ter sido enfeitiçado pelo curandeiro, e Jamba acreditou neles. Sua mente estava sempre cheia de pensamentos de morte. Ele achava que isto era porque ele tinha desobedecido o curandeiro. Porém, Jamba estava determinado a não ceder ao medo ou às ameaças recebidas, embora agüentar este stress estivesse sendo muito difícil.

Como responder

Será que Jamba estava sendo oprimido por um mau espírito? Na situação de pessoas como Jamba, há muita diferença de opinião quanto à causa do seu sofrimento assim como sobre o tratamento adequado. Os



Um amigo pode ajudar escutando e se interessando sem recriminar.

SEGUNDA PARTE Depressão

Às vezes, os cristãos dizem que as pessoas deprimidas não têm fé. Muitos cristãos vêem a depressão como sinal de derrota espiritual. Eles frequentemente ignoram o fato de que os altos e baixos da vida emocional são parte da vida normal.

As causas da depressão variam. Qualquer tentativa de explicar as causas ou declarar que se encontrou uma cura para todos os tipos de depressão é simplificar uma situação muito complexa.

Há uma distinção entre períodos ocasionais de tristeza e depressão clínica, a qual precisa de tratamento. Um conselheiro ajuda as pessoas em ambas as situações, mas as pessoas com depressão clínica precisam de tratamento mais intensivo e por mais tempo.

COMO SE RECONHECE A DEPRESSÃO CLÍNICA?

Quando a depressão começa a afetar o sono, o apetite, nossa capacidade de trabalhar e nossas relações sociais e quando começa a controlar nossas respostas à vida.

O QUE É NECESSÁRIO PARA ACONSELHAR PESSOAS DEPRIMIDAS?

Primeiro, se a depressão for um sintoma de doença física, transmitir a idéia de que esta fase vai passar pode dar esperança. O cliente precisa de ajuda, incentivo e apoio para se recuperar da doença.

Se a depressão for uma reação a um evento da vida, como, por exemplo, luto, uma perda ou uma doença terminal, o conselheiro percebe que o aconselhamento pode ser longo e difícil. A tristeza é normal, exceto quando se estende por um período além do normal.

O que fazer:

- dar-lhe a oportunidade de recontar a história da perda
- explorar o papel que a pessoa falecida desempenhou na sua vida
- preparar a pessoa para a dor dos aniversários, momentos familiares significativos e festividades que serão difíceis sem a pessoa falecida
- lidar com as tarefas imediatas próximas.

O que não fazer:

- dar soluções rápidas



Uma conselheira ajuda uma criança traumatizada após um desastre natural.

conselheiros cristãos não podem evitar este debate. Nossa abordagem na Oasis Africa leva em consideração quatro aspectos: psicológicos, físicos, teológicos e demoníacos.

PSICOLÓGICOS

No caso de Jamba, o conselheiro examinou o impacto de perder os pais quando era tão jovem e o fardo de cuidar de uma família inteira de irmãos mais novos, ao invés de aproveitar a adolescência. Nas sessões seguintes, Jamba pôde chorar a morte dos pais bem como a perda da sua juventude. Ele e o conselheiro também trabalharam juntos na sua ansiedade e nos ataques de pânico com exercícios de relaxamento e mudando os seus horários de trabalho, para que ele tivesse períodos de descanso e lazer. Ele melhorou no que diz respeito a cuidar de si mesmo e aprendeu como dar mais responsabilidade aos seus irmãos mais novos, ao invés de continuar agindo indefinidamente como “pai” deles.

FÍSICOS

A doença física e o bem-estar emocional não podem ser separados, pois um causa impacto no outro. Devemos sempre fazer a pergunta: A causa deste problema é a falta de bem-estar físico? O conselheiro começou perguntando a Jamba não apenas sobre sua história, mas também sobre seu estado físico. Aos poucos, o conselheiro ficou sabendo sobre o que estava perturbando Jamba. Ele estava exausto, com medo de adoecer e não poder sustentar sua família.

TEOLÓGICOS

Algumas pessoas acham que todos os problemas emocionais resultam de um único comportamento pecaminoso específico. Embora seja verdade que a culpa possa causar problemas emocionais, ela não é sempre a única causa. Num momento adequado, o conselheiro explorou a fé

de Jamba e incentivou-o a imaginar Jesus como vitorioso em relação ao(s) mau(s) espírito(s) que ele temia que o estivessem oprimindo. O conselheiro disse a Jamba que, seguindo Jesus, este mal seria superado, que Jesus compreendia o sofrimento e podia curar os doentes. No final, Jamba entrou para um grupo de estudo e comunhão de jovens na sua igreja, e o apoio deste grupo aumentou sua coragem para enfrentar seus medos. Com o tempo, os pesadelos e os ataques de pânico terminaram.

DEMONÍACOS

Alguns cristãos acreditam que todos os problemas emocionais resultam da influência demoníaca e que o tratamento deve ser limitado ao exorcismo e à guerra espiritual. Porém, nem todas as instabilidades mentais e emocionais têm natureza demoníaca, e deve-se tomar muito cuidado com o diagnóstico bem como com o tratamento. Portanto, embora a oração fosse adequada e importante – porque o medo que Jamba tinha dos maus espíritos o estava afetando, e porque havia uma possibilidade de que estes realmente o estivessem molestando como resultado das palavras do curandeiro – Jamba também precisava fortalecer-se emocional, espiritual, física e psicologicamente. Se Jamba não tivesse feito este trabalho importante de crescimento pessoal e espiritual, seus medos poderiam tê-lo deixado por algum tempo e retornado mais tarde. Uma oração pedindo libertação ou exorcismo, sem alguém que escute com misericórdia ou sem discernimento pode deixar uma pessoa com medos de demônios ainda maiores e sem confiança para se recuperar e permanecer livre de pensamentos perturbadores.

- sugerir alguma técnica espiritual milagrosa para acabar com a dor
- dar falsas esperanças dizendo “Tudo logo vai ficar bem”
- espiritualizar em excesso a dor dizendo coisas como “Deus certamente lhe está ensinando algo”.

Para ajudar pessoas deprimidas, você precisa:

- de compaixão e ternura
- de uma atitude não-recriminadora
- da habilidade de escutar com atenção.

O papel do conselheiro é fortalecer a esperança da pessoa escutando-a. O conselheiro deve ficar atento a sinais de que ela queira se matar e a quaisquer pensamentos que ela tenha de machucar

alguém. O conselheiro deve procurar proteger a pessoa a quem está aconselhando e a outros que possam correr perigo.

Os conselheiros precisam de uma lista de encaminhamento. Assim que uma situação se tornar difícil para nós, se possível, devemos encaminhar a pessoa a alguém com mais experiência. Isto deve ser feito de maneira positiva, de forma que continuemos a transmitir esperança e interesse.

Este artigo foi baseado em extratos de Christian Counselling: An African Indigenous Perspective, escrito por Gladys K Mwiti e Al Dueck, com o nosso agradecimento aos autores por sua autorização.

www.oasisafrica.info

Discussão

- Pensem sobre uma pessoa conhecida que vocês achem que esteja sofrendo de doença mental.
 - Como ele ou ela é tratada pelos outros?
 - Vocês conseguem pensar em alguma forma de apoiar esta pessoa?
- Como as crenças espirituais influenciam a nossa compreensão da doença mental?
 - Quando as crenças são prejudiciais?
 - Quando as crenças são úteis?
 - Pensem em exemplos.

Reconciliação – contando uma história diferente

Philbert Kalisa cresceu no exílio, no Burundi, antes de fazer treinamento como líder de igreja. Desde a época do genocídio, quando muitas pessoas foram mortas num conflito entre duas tribos, os hutus e os tutsis, ele tinha a visão de levar a reconciliação ao país dos seus pais – Ruanda.

Porém, depois de muitos anos de treinamento, esperança e oração, esperando por uma oportunidade para realizar

encontros de treinamento sobre a construção da paz em Ruanda, parecia que o primeiro destes encontros iria fracassar.

No primeiro encontro de 60 líderes de igrejas, as tensões causadas pela tentativa de discutir experiências do conflito, do genocídio e suas conseqüências eram tão grandes que doze policiais tiveram de ficar de guarda, vigiando o grupo o dia inteiro.

Alguns dos líderes tinham enviuvado por causa do conflito. Muitos dos líderes ficaram zangados e começaram a se chamar de “facão” (um tipo de faca grande usada para matar e mutilar pessoas durante o genocídio). Durante o intervalo, os hutus e os tutsis foram para locais separados e não se falaram.

Philbert lembra-se do que aconteceu depois:

“Eu estava tentando decidir o que fazer e vi que estava ao lado de um hutu. Perguntei a ele: ‘O que você acha? Devemos parar?’

Ele disse que entendia a raiva dos tutsis, pois os hutus os haviam matado, mas disse: ‘Nem todos nós éramos assim. Eu recebi refugiados tutsis na minha própria casa e os escondi dos meus filhos.’

Um dos tutsis que tinha ficado com ele estava no encontro. Ele era pastor.

Pedi aos dois que contassem a história para todos. Depois de contarem a história, o tutsi



Um encontro comunitário em Ruanda.

disse: ‘Estou vivo por causa deste homem.’ Os dois homens abraçaram-se, e a tensão na sala foi superada.

Os hutus e os tutsis começaram a compreender que havia pessoas em ambos os grupos que faziam coisas boas e que nem todos eram maus. Isto foi uma bênção, e começamos a cantar e a louvar a Deus.

Conversamos sobre perdão e reconciliação. Os dois homens tornaram-se pioneiros, e passei a levá-los comigo sempre que fazia o treinamento com outros grupos.”

Philbert e sua equipe realizam encontros de treinamento sobre a construção da paz e, depois, pedem às comunidades para encontrarem pessoas que queiram estabelecer um grupo de união e dar continuidade às conversas.

O Reverendo Philbert Kalisa foi entrevistado por Katie Harrison, Chefe de Mídia da Tearfund.

REACH Rwanda
PO Box 6396
Kigali
Ruanda

www.reach-rwanda.org

Discussão

Philbert descobriu que uma forma de superar o estigma resultante de conflito entre grupos é contar histórias pessoais que superem as generalizações e o preconceito.

- Dêem um exemplo de quando a sua opinião sobre uma pessoa – ou grupo de pessoas – tenha mudado depois de ouvir uma história positiva.
- Pensem em maneiras de contar histórias positivas. Há alguma história que vocês possam contar que ajude a reconciliar as pessoas? Onde vocês contarão a história? No mercado, na igreja, para a sua família?

Estigma no Brasil

No Brasil, há um grande estigma em relação às pessoas que vêm do “interior” para viver na cidade grande. É muito pior para as pessoas que migram de qualquer parte do nordeste para o sudeste. O preconceito local e a ignorância criam um obstáculo para a mobilidade social e o sucesso de muitas pessoas capazes. Para sobreviver, as pessoas ficam quietas sobre as suas origens, tentando se camuflar no seu novo ambiente.

Para mim, isto levou a muitas conversas interessantes, pois me mudei recentemente do nordeste para o Rio de Janeiro.

Jason e Roosevelt são do nordeste e estão no último ano do seminário teológico no Rio de Janeiro. Quando chegaram, eles ficaram cansados dos comentários referindo-se ao nordeste como sendo uma região do país infértil, semi-árida e de ensino atrasado. As pessoas pareciam surpresas quando Roosevelt falava do seu emprego de professor de matemática e descrevia as árvores exuberantes que tinha deixado para trás em casa. Na verdade, o nordeste do Brasil tem uma diversidade de pessoas, climas e dialetos. Há muitas universidades nas cidades do nordeste, muita terra fértil, e muitas pessoas do sudeste mudaram-se para o nordeste e têm um bom estilo de vida.

Roosevelt tornou-se presidente do Grêmio Estudantil do seminário, embora muitos reclamassem de que um nordestino fosse o líder quando havia tantos estudantes cariocas capazes. Porém, como Jason diz, até mesmo um recente governador do estado do Rio de Janeiro era, na verdade, um nordestino, do Piauí.

Perguntei-lhes o que achavam que as igrejas daqui podiam fazer para reduzir o preconceito e o estigma. Citando Filipenses 2:3, Roosevelt começou sugerindo que os que recebem pessoas de outros locais devem “humildemente considerá-las superiores a si mesmos” e que esta atitude deve ser não apenas em relação aos nordestinos, mas a qualquer migrante que chega de fora. Jason falou de “respeitar as diferentes formas de intelecto” e deu o exemplo do seu avô, que não tinha nenhum ensino formal e, no entanto, era altamente intelectual, sendo capaz de calcular as épocas de plantio, as quantidades de sementes e a

produção de colheitas numa comunidade que compreendia profundamente os medicamentos à base de plantas.

Imagino que este seja um problema para comunidades migrantes por todo o mundo. Talvez, em outros contextos em que os migrantes sejam estigmatizados por preconceito e ignorância, o conselho de Jason e Roosevelt seja útil.

Mark Greenwood
Rio de Janeiro
Brasil

NOTA DA EDITORA: *Veja também Monteiro, M (et al.) Pastoral Urbana: A co-responsabilidade das igrejas no Nordeste. Viçosa: Ultimato, 2002.*

Cegueira dos rios

Recebi a *Passo a Passo* 83 três dias atrás e agradeço-lhe muito por ela.

Gostaria de pedir informações sobre remédios para a cegueira dos rios. O artigo da *Passo a Passo* 83 mencionava ivermectina, um bom remédio para a cegueira dos rios. Minha pergunta é se este remédio pode ser usado como medida de prevenção, principalmente porque vivemos num ambiente infestado pelos transmissores desta doença.

Jean-Charles Mbala-Mampouma
jcmampouma@yahoo.fr

NOTA DA EDITORA: *A ivermectina é amplamente distribuída em países endêmicos para reduzir a propagação da cegueira dos rios e para ajudar a preveni-la.*

Se você vive numa zona endêmica – isto é, uma região em que a cegueira dos rios normalmente

ocorre – geralmente é possível obter suprimentos de ivermectina através do programa de controle de oncocercose (cegueira dos rios) do seu país. Peça informações ao seu departamento de saúde local. Tomar uma dose de ivermectina uma vez a cada ano ou dois anos ajuda a prevenir a doença. Se tiver qualquer sintoma, os quais podem afetar a pele bem como os olhos, procure um médico que seja bem informado sobre a doença.

Ajudando crianças de rua acusadas de bruxaria

O Centro Cristão de Desenvolvimento é uma ONG da República Democrática do Congo. Depois de tantas guerras, muitas crianças ficaram subnutridas, foram excluídas das escolas, declaradas feiticeiras e, finalmente, acabaram nas ruas e nos mercados. Elas estão entre a vida e a morte. Elas morrem como moscas nas ruas, e ninguém vê. O CCD, portanto, está planejando ajudá-las através de refeições. Gostaríamos de receber conselhos e assistência dos leitores da *Passo a Passo* para este projeto.

Pierre Lufuluabo
Coordinator – Christian Development Centre
BP 2227 Mbujimayi
Kasai Oriental
República Democrática do Congo
mutshcl@yahoo.fr

NOTA DA EDITORA: *Chamar uma criança de feiticeira ou bruxa é contra a lei na República Democrática do Congo. Os parceiros da Tearfund foram treinados em proteção infantil, o que inclui prevenir este tipo de abuso e apoiar as crianças que tenham sido estigmatizadas por ele. A Passo a Passo aceita cartas e artigos de leitores que tenham experiência em como confrontar este abuso e reintegrar as crianças em suas famílias.*



Recife, nordeste do Brasil.

O que significa ser surdo no Afeganistão

Justin Power

A SERVE Afeganistão trabalha com grupos de afegãos estigmatizados há muitos anos. Assim como é comum por todo o mundo, a sociedade afegã tem idéias errôneas sobre as pessoas com deficiências. Para lidar com este estigma, a SERVE fornece informações corretas e mostra que as idéias da sociedade precisam mudar.



Alunos do EMAD/SERVE e seu professor dizendo seus nomes na linguagem dos sinais.

Nós, que trabalhamos na SERVE, tivemos o privilégio de aprender com os afegãos com deficiências na nossa luta contra o estigma social. Recentemente, sentei-me com dois empregados surdos da SERVE para lhes perguntar sobre suas experiências de estigma. Khalil é supervisor no projeto EMAD da SERVE – *Enabling and Mobilising Afghan Disabled* (Capacitando e Mobilizando Afegãos com Deficiências). Ele trabalha na SERVE há mais de 20 anos. Faiz Mohammad é formado na escola para surdos da SERVE, em Jalalabad, um dos poucos formados em escola secundária para surdos do país. Ele agora trabalha no projeto EMAD.

COMO A SUA FAMÍLIA SE SENTE EM RELAÇÃO À SUA SURDEZ?

Faiz Mohammad: Alguns dos meus parentes não tinham uma mente muito aberta. Eles me ridicularizavam muito e diziam que eu não iria para a escola. Um dia, meu pai fez com que eu me sentasse com todos os meus tios e pediu-lhes que me fizessem

qualquer pergunta que quisessem. Meus tios escreveram as perguntas num pedaço de papel, e eu respondi a todas elas. Eles ficaram totalmente surpresos ao ver que uma pessoa surda podia aprender a ler e escrever. Acho que eles se deram conta, então, de que as pessoas surdas podem ir à escola e aprender da mesma forma que as pessoas que ouvem.

O QUE OS AFEGÃOS ACHAM DAS PESSOAS SURDAS?

Khalil: A maior parte dos afegãos acha que as pessoas surdas são, de alguma forma, loucas, então eles as ridicularizam. Já fui apedrejado por ser surdo. Pode ser difícil se comunicar com pessoas que ouvem.

Faiz Mohammad: Durante toda a minha infância, na rua, as pessoas riam de mim quando eu ia para a escola. Elas perguntavam, "Como é que ir à escola pode ajudar um louco?" As coisas só mudaram no final da minha escolarização. As pessoas viram que eu tinha recebido um diploma, que eu sabia

ler e que tinha encontrado um emprego. Só então, depois de 12 anos, foi que elas compreenderam que haviam estado erradas todo aquele tempo.

COMO SE MUDA A ATITUDE DAS PESSOAS EM RELAÇÃO AOS SURDOS?

Faiz Mohammad: As informações são importantes. Uma forma de compartilhar informações é reunir os membros da comunidade que ouvem e ensiná-los sobre a surdez, a linguagem dos sinais e a capacidade das pessoas surdas de se alfabetizarem e trabalharem. Se as informações forem compartilhadas pelos líderes da comunidade, seus membros escutarão e mudarão sua maneira de pensar mais rapidamente.

Khalil: Às vezes, reunimos os membros da comunidade e passamos vídeos para eles sobre as causas da deficiência. As pessoas parecem aceitar e aprender com isto.

Faiz Mohammad: A aprendizagem também ocorre entre vizinhos. Minha mãe frequentemente compartilhava as informações que havia aprendido com os vizinhos. As mesquitas são bons locais para compartilhar informações e ensinar as pessoas que é pecado ridicularizar as pessoas surdas.

COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO À SUA SURDEZ?

Faiz Mohammad: Tenho opiniões muito fortes em relação à surdez. Os surdos são negligenciados por toda parte no Afeganistão. A maioria é analfabeta, fica em casa o dia inteiro e não tem muita esperança. Eu sou um dos que têm a sorte de saber ler. Eu quero servir os surdos e ver o Afeganistão se desenvolver, para que, um dia, as pessoas surdas de todo o país tenham as mesmas perspectivas e oportunidades que eu.

Os projetos da SERVE inspiram esperança nos afegãos com deficiências visuais, auditivas, físicas e intelectuais.

SERVE
PO Box 4015
Karte Char, Kabul
Afeganistão
info@serveafghanistan.org